

## Sumário

|                                                                                                            |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Editorial.....                                                                                             | 3  |
| <i>Prof. Ms. Grégori de Souza</i>                                                                          |    |
| A influência teológica na filosofia política de Jean Jaques Rousseau.....                                  | 7  |
| <i>Maicon Rodrigo Rossetto</i><br><i>Adriano André Maslowski</i>                                           |    |
| Prospecções entre Wittgenstein e Foucault sobre a forma de vida filosófica.....                            | 15 |
| <i>Mauricio Silva Alves</i><br><i>Tiago Eurico de Lacerda</i>                                              |    |
| A mente moralista.....                                                                                     | 25 |
| <i>Anderson Barbosa Paz</i>                                                                                |    |
| A seletividade penal no sistema penitenciário brasileiro na atualidade.....                                | 32 |
| <i>Geraldo Tadeu Jorge Filho</i><br><i>Juliana Absher de Sá e Silva</i><br><i>Prof. Dr. Edimar Brígido</i> |    |
| O pluralismo de princípios e a diversidade de visões de mundo na esfera pública.....                       | 41 |
| <i>Juliana bolzan Sebe Dias</i>                                                                            |    |
| Reflexão bioética sobre o “ser-para-a-morte” em tempos de covid-19.....                                    | 52 |
| <i>Marcelo Miotto de Souza</i>                                                                             |    |
| Ressuscitar o humano: A necessidade de repensar o lugar do sagrado na contemporaneidade.....               | 63 |
| <i>Alex Sandro Nogueira Silva</i><br><i>Gabriel Maia Felice</i>                                            |    |

.....  
Bioética: urgência de um novo agir moral em Hans Jonas.....84

*Igor Saplak*

A Igreja e o reconhecimento dos direitos humanos.....100

*Rodrigo Victor de Souza Pereira*





FAVI

**Editorial**

DESDE 1980

Grégori de Souza<sup>1</sup>

3

Na quarta parte da obra *Uma confissão*, de 1882, o escritor russo Liev Tolstói apresenta um conto oriental sobre um viajante que é atacado por um animal feroz. Para salvar-se da fera, o viajante pula dentro de um poço seco, mas avista, no fundo, um dragão de goela escancarada para devorá-lo. O infeliz não se atreve a subir para não ser destruído pelo animal feroz, não se atreve a descer ao fundo do poço para não ser devorado pelo dragão, se agarra aos ramos de um arbusto silvestre que cresceu nas fissuras da parede do poço e se pendura ali. As mãos vão perdendo a força e ele sente que terá de se render à morte, que o espera de ambos os lados; no entanto, continua a se segurar e, enquanto se segura, olha para o lado e vê dois ratos, um preto e um branco, que se movem com indiferença em volta do galho em que ele está se segurando, e roem o galho. Dali a pouco, o galho vai ceder e se romper sozinho e ele vai cair na goela do dragão. O viajante vê isso e sabe que será inevitavelmente destruído; mas, por enquanto, se mantém pendurado, procura em volta e acha, nas folhas do arbusto, uma gota de mel, a alcança com a língua e lambe.

A cena apresentada por Tolstói mostra como seguimos agarrados aos galhos da

---

<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestre e bacharel em filosofia pela mesma instituição. Especialista em ética e direitos humanos pela Faculdade Vicentina. Contato: gregoridesouza@hotmail.com

vida, sabendo que nos espera, inevitavelmente, o dragão da morte, pronto para nos esfaquear. Vez ou outra experimentamos também sugar o mel que antes nos consolava; mas que já não nos alegra mais, e o rato branco e o rato preto – o dia e a noite – roem o galho no qual nos seguramos. É porque vemos com clareza o dragão, que o mel já não nos traz doçura. Vemos apenas uma coisa: o dragão inevitável da morte e os ratos do tempo.

Longe de ser uma posição pessimista e deprimente sobre a vida, o conto do autor russo serve-nos de alerta para pensarmos sobre o que temos feito com os nossos dias de vida. Esse ato reflexivo perpassa as mais diversas áreas do conhecimento humano: política, ética, moral, religião, educação e outros. É nesse ponto que acredito que a 32ª edição da *Tabulae Revista de Philosophia*, correspondente ao período de janeiro a junho de 2022, que ora vem a lume e que tenho a honra de apresentar aos leitores e leitoras, poderá servir como instrumento no processo de autorreflexão sobre a vida e suas várias instâncias.

No primeiro artigo desta edição, intitulado *A Influência teológica na filosofia política de Jean Jacques Rousseau: ponderações de Giorgio Agambem*, os autores **Maicon Rodrigo Rossetto** e **Adriano André Maslowski** apresentam, a partir da obra “O Reino e a Glória” de Giorgio Agambem, o fundamento histórico/ideológico fundamental da influência do pensamento teológico sobre a filosofia política de Jean Jacques Rosseau no que concerne, sobretudo, à construção dos conceitos de vontade geral, vontade particular e soberania.

Em seguida, os autores **Maurício Silva Alves** e **Tiago Eurico de Lacerda**, no artigo intitulado *Prospecções entre Wittgenstein e Foucault sobre a forma de vida filosófica*, buscam mostrar como Wittgenstein, assim como Foucault, apresentam a filosofia como atividade prática, ou como os autores a chamam: forma de vida. Isso pautado em uma filosofia que se remete à época helenística e romana e nos conduz a um “modo de vida, a uma maneira de ser alguém que enfrenta a vida da maneira mais sábia possível.”

**Anderson Barbosa Paz**, no terceiro artigo intitulado *A mente moralista*, apresenta a tese geral da obra *The Righteous Mind: Why Good People are Divided by Politics and Religion* do psicólogo social norte-americano Jonathan Haidt, com o intuito de que a resenha sirva como introdução e apresentação da tese geral da obra do autor.

Com o título *A seletividade penal no sistema penitenciário brasileiro na atualidade*, o quarto artigo desta edição, dos autores **Geraldo Tadeu Jorge Filho**, **Juliana Absher de Sá e Silva** e **Edimar Brígido**, tem por objetivo verificar a incidência preponderante do fenômeno da seletividade penal em relação a determinados setores sociais. Para tal intento, com fins metodológicos, os autores utilizam-se da “Labelling Approach” (Teoria da Reação Social) e dos principais órgãos de informação sobre o sistema penitenciário brasileiro para demonstrar que o crime não depende apenas da cominação legal, mas também da reação social frente ao ato.

No quinto artigo, intitulado *O pluralismo de princípios e a diversidade de visões de mundo na esfera pública*, de **Juliana Bolzan Sebe Dias**, a autora busca investigar o papel do Estado diante do pluralismo direcional almejando responder a perguntas fulcrais para o tema

.....

em debate, como: Deve o Estado impor a cosmovisão que julgar mais adequada? É possível que o Estado seja neutro e as crenças pré-teóricas sejam relegadas à esfera privada? Para responder a essas perguntas, a autora utiliza-se do marco teórico do pluralismo de princípios, que apresenta “um caminho alternativo entre o monismo cristão e o monismo secular, criticando as ações políticas que privilegiam determinada concepção religiosa e defendendo a igual participação das diversas visões de mundo na praça pública”, além de sustentar que o Estado não pode ser neutro e que um *ethos* religioso se faz presente na esfera do governo.

O sexto artigo desta edição, de autoria de **Marcelo Miotto de Souza** e intitulado *Reflexão bioética sobre o “ser-para-a-morte” em tempos de COVID-19*, é desenvolvido pelo autor a partir da definição heideggeriana de ser humano como um “ser-para-a-morte”, em que a morte é um marco de referência para a identificação de uma vida ética e não ética. A finitude humana pode, portanto, servir como esboço para a legitimidade bioética do cuidado com os pacientes em fim de vida, especificamente em tempos de COVID-19 além de servir como uma honesta reflexão que revela o nível de solidariedade ou de omissão existente na sociedade.

Na sequência, com uma perspectiva de crítica à construção da imagem do homem moderno, pautado pelos dizeres da ciência e da tecnologia, que abandona a busca pelo transcendente, os autores **Alex Sandro Nogueira Silva** e **Gabriel Maia Felice**, no sétimo artigo intitulado *Ressuscitar o humano: a necessidade de repensar o lugar do sagrado na contemporaneidade*, buscam mostrar, diante das banalizações do sagrado, como perceber Deus nos novos caminhos que o ser humano percorre, uma vez que o sagrado tem perdido seu espaço para o consumo excessivo e o desenvolvimento tecnológico. No limite, trata-se de construir um novo ser humano que caminhe sobre sua própria racionalidade, gerando o cuidado e o domínio e, na construção de si, perceber Deus, “pois o olhar para si revela o Criador”.

Diante dos desenvolvimentos técnico-científicos da pós-modernidade. O ser humano passou a interferir no planeta de tal forma a produzir uma cultura de obsolescência programada, em que tanto a biosfera, quanto a própria dignidade humana são ameaçadas nesse quadro de imprudente descaso. Dessa forma, urge a necessidade de um novo agir moral que proteja a vida (humana e extra-humana) no presente e no futuro. Esse é o tema do oitavo artigo intitulado *Bioética: urgência de um novo agir moral em Hans Jonas*, de autoria de **Igor Saplak**, onde o autor objetiva analisar de que modo o princípio responsabilidade de Hans Jonas pretende contribuir para o cuidado com o meio ambiente e com a preservação da vida e da dignidade humana nas futuras gerações.

No último artigo desta edição, *A Igreja e o reconhecimento dos Direitos Humanos*, **Rodrigo Victor de Souza Pereira** busca averiguar de que forma a Igreja reconheceu os direitos humanos, trazendo à tona a criação do conceito de pessoa e a defesa da dignidade inerente ao homem que permitiram uma ampla reflexão sobre os direitos fundamentais dos seres humanos. A partir disso, o autor adentra na realidade eclesial do Concílio Vaticano II, procurando esmiuçar como este defende os direitos humanos, culminando nas “recentes

.....

contribuições do Papa Francisco, cujas reflexões tendem a ser uma luz para a humanidade que cada vez mais mergulha numa indiferença globalizada”.

Por fim, que as palavras de Sócrates em sua *Apologia* nos provoquem todos os dias de nossas vidas: “uma vida não examinada não vale a pena ser vivida!”.

